

João da Mata

(ORG.)

WILHELM REICH
E SABERES INSURGENTES

WILHELM REICH
E SABERES INSURGENTES

Copyright © 2024 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial Ltda.

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Preparação de texto: **Nilma Guimarães**
e Samara dos Santos Reis
Revisão: **Janaína Marcoantonio**
Capa: **Delfin [Studio DelRey]**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Pablo Moronta**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	9
<i>João da Mata</i>	
1. Wilhelm Reich e a psicanálise: contribuições	13
<i>Claudio Mello Wagner</i>	
2. Reich e a cultura: por uma crítica à vida economizada	25
<i>Simone Aparecida Ramalho</i>	
3. Wilhelm Reich, história e narrativa autobiográfica	41
<i>Juniele Rabêlo de Almeida</i>	
4. Wilhelm Reich, corpo e sociabilidades libertárias	63
<i>João da Mata</i>	
5. Reich e os anarquismos	91
<i>Edson Passetti</i>	
6. Reich e <i>queer</i> de uma perspectiva libertária	117
<i>Flávia Lucchesi</i>	
7. Reich e a biologia	141
<i>Ricardo Amaral Rego</i>	
8. Liberdade, autorregulação e política sexual em Wilhelm Reich	161
<i>Cassio Brancaleone</i>	

9. Reich e educação	177
<i>Sílvio Gallo</i>	
10. Revolução e moral sexual: dissidência e lutas libertárias a partir dos escritos de Reich	193
<i>Acácio Augusto</i>	
11. Contribuições da economia sexual reichiana para as filosofias	209
<i>José Vicente Carnero</i>	
12. Wilhelm Reich: passado, presente e futuro	219
<i>Dante Moretti</i>	

Apresentação

JOÃO DA MATA

Wilhelm Reich foi um psicanalista singular. Desde sua precoce adesão ao meio psicanalítico, já relativamente consolidado, passando pela ênfase aos estudos em torno da sexualidade, até o aberto engajamento político, sua obra carrega o laivo de um visionário que apostou na vida como um evento pungente e vibrante. Afeito ao que acontece no ato, partiu para a ação em busca de fazer emergir uma nova sociedade, diferente daquela em que viveu, e observou ser esta produtora das mais agudas mazelas na qualidade de limitadora das potências de existir.

Este livro compreende uma proposta inédita. Apesar de haver um considerável número de publicações em torno da obra reichiana, temos aqui uma constelação de pesquisadores que se desdobram em articular o pensamento e a obra de Reich com diferentes campos do

saber, extrapolando, para isso, os contornos da psicologia e da psicanálise. Distante de esgotar os temas aqui expostos, o livro que você tem em mãos é o esforço de estabelecer essas conexões de maneira inaugural.

Além da direta relação com a psicanálise, os demais capítulos instauram diálogos com a biologia, a política, a sociologia, a filosofia, a educação e uma série de outros saberes, os quais, cada um a seu modo e em momentos específicos, estiveram presentes nos estudos de Reich. Sua tentativa, como ficará evidente ao longo do livro, foi conceber a experiência humana a partir de uma dimensão biopsicossocial e mostrar como a existência pulsa atravessada por um conjunto de forças que operam em seu encontro com o mundo. Em cada um dos 12 capítulos que compõem o livro, um campo problemático em destaque é trazido como forma de evidenciar as aproximações efetuadas por Reich e os saberes insurgentes.

Nosso desafio foi reunir pessoas que não estavam necessariamente no âmbito das práticas *psi*, mas que aceitaram a provocação para pensar como a obra reichiana conversa com suas áreas de pesquisa. Isso traz ao livro um olhar crítico: o que está em questão não é reverenciar a figura de Wilhelm Reich, mas mostrar os tensionamentos possíveis em sua obra, como podemos compreendê-la nos dias de hoje e sua pertinência para a clínica na atualidade. Dessa forma, os capítulos versam sobre temas que surgem em diferentes momentos, conectados com as análises em questão, e possibilitam uma leitura não linear do sumário.

O interesse pela obra reichiana e por seus desdobramentos em diferentes práticas clínicas tem crescido à medida que sua obra se torna mais difundida. Ainda assim, Reich continua sendo um autor pouco estudado nas formações em psicologia e psicanálise. Quase sempre, busca-se conhecê-lo e aprofundar os estudos de sua obra em formações complementares. Entre os cânones da psicologia, o dissidente da ortodoxia psicanalítica ainda é visto ora como gênio, ora

como louco. Aqui, o Reich reivindicado é aquele iconoclasta, rebelde, afeito às transformações sociais, que por vezes se aproxima das análises libertárias.

Ao trazer a corporeidade à cena terapêutica, assim como relacionar os fenômenos emocionais às práticas sociais e políticas de determinado tempo, Wilhelm Reich passa a ocupar um lugar fundamental na compreensão do comportamento humano e de suas interfaces com a sociedade, visto que estes constituem temas urgentes e necessários.

Esperamos que a leitura deste livro possa fazer sacudir acomodações e despertar o interesse por uma psicologia que anda ao lado da leitura crítica das práticas de poder e de suas incidências no funcionamento emocional e somático dos indivíduos. Foi assim que o inquieto Reich construiu seus percursos e criou suas rotas intelectuais, sempre atento às forças reativas que tentam apaziguar a revolta da carne. Sua luta por ver surgir uma existência liberada das amarras e das convenções sociais, que, a despeito da passagem do tempo, insistem em permanecer presentes entre nós, continua atual.

1. Wilhelm Reich e a psicanálise: contribuições

CLAUDIO MELLO WAGNER

“Inaugurada” oficialmente em 1900, com a publicação do livro *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, a ciência psicanalítica continua gozando de um prestígio crescente, seja no campo das artes (literatura, cinema, teatro etc.), seja no campo científico, dialogando com a antropologia, a sociologia, a psiquiatria e, atualmente, as neurociências.

Nesses mais de 100 anos de percurso, a psicanálise recebeu e segue recebendo uma série de aportes e contribuições nos planos teórico e na prática clínica. O aprofundamento e o detalhamento a

respeito do funcionamento e da dinâmica psíquica de alguns casos de psicopatologia têm lançado luz sobre problemas até então considerados difíceis ou até mesmo inabordáveis. Exemplos disso são os estudos e casos clínicos a respeito das dinâmicas de psicoses, perversões, personalidade *borderline* e transtorno do espectro autista, entre outras.

Existe, porém, um aspecto importante a ser explicitado: a psicanálise é considerada, popularmente, uma ciência monolítica pronta e acabada. Já vimos que não é bem assim e que esta evolui e recebe inúmeras contribuições. Cabe aqui ressaltar que a psicanálise não é uma teoria, mas um conjunto de teorias que formam seu arcabouço, ou seja, seus pilares fundamentais. Vale destacar dois pontos a respeito.

Freud foi pioneiro no campo da psicologia profunda e fundador da psicanálise. Suas pesquisas e construções teóricas não cessaram de evoluir ao longo de sua extensa obra. Seria esperado encontramos algumas lacunas, reformulações e contradições teóricas nesse percurso. Ilustração disso são as diferentes formulações a respeito das pulsões (de autoconservação, sexuais, de vida e de morte) e as diferentes dinâmicas e relações entre o Eu e as outras instâncias psíquicas (Id, Supereu, Ideal de eu).

O segundo ponto, decorrente do primeiro, é a possibilidade de se realizarem recortes e se enfatizarem determinados aspectos das distintas formulações contidas na obra freudiana. É nessa perspectiva que vemos surgirem diferentes escolas de psicanálise a partir de Freud. Assim, Melanie Klein elege alguns textos freudianos e desenvolve suas teorias e práticas clínicas. Do mesmo modo, Jacques Lacan desenvolve suas teorizações a partir de alguns pontos referenciais de Freud. Assim também Donald Winnicott e as escolas psicanalíticas de psicossomática. Em síntese, essas diferentes abordagens psicanalíticas têm em comum a referência às principais e fundamentais teorias psicanalíticas, a saber: teoria da sexualidade infantil; teoria sobre o inconsciente dinamicamente reprimido; teoria da repressão; teoria do complexo de Édipo e teoria da transferência.

Desse ponto de vista, seria plausível considerarmos a psicanálise reichiana uma psicanálise das intensidades?

Wilhelm Reich, aluno, discípulo e colaborador de Freud, ingressou no movimento psicanalítico em 1920 e teve uma atuação intensa até 1934, ano de sua expulsão da Associação Internacional de Psicanálise (International Psychoanalytical Association, IPA). Ao longo desses 14 anos, Reich deu contribuições importantes tanto para a prática clínica como para a teoria psicanalítica. Seus principais focos de interesse diziam respeito à técnica psicanalítica e à importância da sexualidade no desenvolvimento psíquico humano normal e patológico.

Uma pequena observação se faz necessária. Muito embora Reich tenha feito um longo percurso científico até sua morte, em 1957, buscando o diálogo e as conexões entre os diferentes campos do saber — como a psicanálise, a medicina, a biologia, a sociologia, a antropologia, a física etc. —, neste breve artigo enfocaremos apenas suas contribuições referentes à psicanálise *stricto sensu*. Os demais capítulos do presente livro contemplam o leitor com essas outras conexões.

A técnica psicanalítica

Desde seus primeiros anos como psicanalista, Reich deu atenção especial à técnica de análise. Ele indagava como uma teoria tão consistente obtinha resultados práticos tão pífios. Na época em questão, a técnica ainda engatinhava, pois não dispunha de uma sistemática e de um ordenamento do material psíquico emergente. Interpretava-se imediatamente, sem se considerar de qual camada ou extrato do inconsciente brotava tal ou qual material.

Outra dificuldade partilhada pelos psicanalistas de então era o enfrentamento das transferências negativas dos pacientes. Muitos temiam e não sabiam como interpretar essas atuações resistenciais. E, além dessas, havia outra resistência bastante recorrente nos pro-